

## Zé Limeira Poeta do Absurdo

*Orlando Tejo*

# Poeta do Absurdo e o Absurdo dos Poetas

## Cap. V

Agamenon Magalhães via nos cantadores a figura autêntica da inteligência marginalizada. Convocava-os para cantarem nos seus comícios do interior, porque "os poetas humanizam as batalhas democráticas".

Na sua campanha de 1950, quando reconduzido ao Governo de Pernambuco, não desprezou a inteligência dessa tática política. Foi quando os repentistas Agostinho Lopes dos Santos e Lourival Baptista Patriota, ambos naturais de São José do Egito, inflamaram as multidões sertanejas com a espíritosidade de repente ainda hoje guardados na memória popular.

Abrindo um comício na cidade de Bom Jardim, improvisa Agostinho:

"Os pais convidem seus filhos.  
Os filhos convidem as mães.  
As mães convidem as filhas  
E as filhas chamem as irmãs  
Para votarem na chapa  
De Agamenon Magalhães."

Lourival responde:

"Agamenon Magalhães  
Que tanta grandeza encerra,  
Nasceu em Serra Talhada,  
Naquela talhada serra,  
Por isso nasceu talhado  
Pra governar sua terra."

Certa vez, recepcionando visitantes ilustres, o Governador promoveu um encontro de repentistas em Palácio (a exemplo do que costumava fazer na Paraíba o Presidente João Suassuna, na década de 20), com a participação, entre outros, de Agostinho Lopes dos Santos, José Vicente da Paraíba e os Irmãos Batista.

Cantando para figuras políticas de nível nacional, os vioieiros brincavam com as musas. A festa ia animada: o repente flamejando sob o teto decorado do Campo das Princesas, as violas crescendo na acústica, a poesia chispando, solta, na noite aristocrática, Governador e Ministros fascinados pela visão genuína do sertão brabo.

O mordomo, assustado, dirige-se ao Chefe do Governo:

— Doutor, há um homem esquisito querendo entrar. Traz um matulão e uma viola e o pescoço coberto por um lençol vermelho.

Lourival Batista atalhou:

— Aposto como é Zé Limeira.

Alguns segundos e abre-se uma porta por onde passa o Poeta do Absurdo. Coloca o matulão e a viola sobre o piano, e, reatando o nó de grande lenço encarnado que envolve o pescoço:

— Esse aqui não é ninguém não, minha gente, é somente Zé Limeira velho falado. Vim cantá pro Doutor! Cantador pra cantá pro Doutor Agamenon é preciso ter foigo de sete gato! O estadista externou seu prazer em receber mais um poeta paraibano:

— Poeta, esta é minha mulher que, como eu, sente-se imensamente feliz em tê-lo em nossa casa.

Limeira aperta a mão da Primeira Dama e expressa-se, à sua maneira espontânea:

— De feição, parece muito com a minha patroa, sendo que ela é pobre do pé da serra e a senhora é uma madama rica da capital!

Àquela altura, todos os presentes já se tomavam de simpatia pelo repentista que fazia questão de cantar para o casal Agamenon Magalhães. Sua participação no torneio já estava sendo uma exigência principalmente de Dona Antonieta.

O Poeta do Absurdo escolheu para seu parceiro Otacílio Batista (que, por sinal, foi quem me contou esta história), e os dois passaram a improvisar em martelo agalopado. Otacílio, de acordo com o figurino, fez o tradicional "brinde à dona da casa", fechando assim a estrofe:

"... E antes que a nossa festa aqui se finde,  
Doutor Agamenon, receba o brinde  
Que à Dona Antonieta estou erguendo!"

Seguindo a etiqueta, Zé Limeira acompanhou:

"Eu cantando pra Dona Antonieta  
A muié do Doutor Agamenon,  
Fico como o Reis Magro do Sion,  
Me coçando na mesma tabuleta.  
Eu aqui vou rasgando a caderneta  
De Otacílio Batista Patriota...  
Doutor, como eu não tenho um brinde em nota,  
Que possa oferecer à sua esposa.  
Dou-lhe um quilo de merda de raposa  
Numa casca de cana piojota."

A simpatia de Zé Limeira pelo líder pernambucano era evidente. Onde quer que cantasse acendia-lhe o nome. Em Campina Grande teria improvisado esta glosa:

"Se encontrando adoentado,  
Agamenon Magalhães  
Mandou suas três irmãs  
Comprar carne no mercado.  
Depois que tava deitado,  
Pegou a carne e comeu.  
Foi Casemiro de Abreu  
Moreno da cor morena,  
Os ossos chora com pena  
Da carne que apodreceu."

Ainda em Campina Grande, sobre o Senador Vitalício da Paraíba:

"Esse doutor Ruy Carneiro  
É primo de Lampião,  
Nasceu lá na Grã-Bretânicas,  
Viajou de caminhão,  
Pra descobrir meu segredo,  
Prantou quarenta arvoredos,  
Trinta culha de feijão."

Já o Ministro José Américo de Almeida é visto assim:

"Maió de que Jesus Cristo  
Foi o Pai do velho Adão.  
Com medo de Satanás  
Fez o Sino Salomão.  
Quage ficou cadavérico...  
Maló mais é Zé Américo  
Que não morreu do avião."

Em 1957, quando participava, em Recife, de um coquetel em homenagem a Gilberto Osório, resolvi, para descontrair o ambiente, recitar as seguintes estrofes de Zé Limeira:

"Ela parece um limão  
Rodeado de cebola,  
Uma goiabeira verde  
Enfeitada de ceroula,  
Com dentadura de pau  
Eu elogiá-la vô-la."

"Eu só gosto dessa moça  
Porque tem vegetação,  
Porteira de pau-a-pique,  
Três pneu de caminhão,  
Rabo de jumenta russa  
E haja chuva no sertão."

"Eu sou açude corrente  
Dentro da mata bravia,  
Gramática azul, beçuda,  
Queijo de leite de jia,  
Rincho de burra cardan  
E haja festa na Bahia."

"Um dia eu tava acordado,  
No mais rancoroso sono,  
Passou uma cobra azul  
Falando num microfone,  
E um mudo gritando em baixo:  
— Vim buscar o meu abono!"

"Sou casado e bem casado,  
Com quem, não digo com quem.  
A muié ainda é viva,  
Mas morreu, mora no Além."

Se um dia voltar à terra  
Vai morar no pé da serra,  
Não casa mais com ninguém.

"Casemo no ano de quinze, Na seca de vinte e três;  
A muié era donzela,  
Viuva de sete mês,  
Mais não me alembro que tenha  
Um dia ficado prenha,  
Estado de gravidez."

Não sabia, entretanto, que à minha direita estava o poeta Euclides Gregório, tido como o mais avançado surrealista pernambucano da época. Cercado de admiradores que insistiam em ouvi-lo, recitou o que havia de mais consistente em sua poesia:

"... Já o meu coração, sim,  
poderá ser uma poça de  
iluminados elefantes  
que colhes com lábios amarelos  
para destrinchar a touceira de sonhos  
machucados por meus pés de ar  
que a solidão das ladeiras  
pisam o infinito marron  
dos teus saborosos desaforos."

Fiquei esperando pelo desfecho. Terminava ali mesmo. E, recebendo abraços e encômios em profusão, o grande surrealista cobrava-me com o olhar a pusilanimidade de um elogio impossível. No máximo obteria a generosidade do meu silêncio.

Minha perplexidade foi crescendo quando os admiradores do Sr. Euclides Gregório passaram a interpretar Zé Limeira, depois de classificar seu estilo como "abstracionista rústico", "ultra-sincretista", "nítido-abstracional-impressionista", "surrealista bárbaro" e, finalmente, "futurista-nitidista" (?).

A respeito das seis estrofes que eu declamara, a título de humorismo, fizeram aqueles intelectuais as seguintes observações:

Sobre a primeira: "O limão representa a pureza da virgem'. E, rodeado de cebola, "adquire o calor não do amor, mas do real'. A goiabeira verde seria "a beleza natural da moça sertaneja". Mas, contraditoriamente, a mesma árvore "toma características divinas" ao enfeitar-se de ceroulas, termo que o Poeta teria aplicado no sentido de virtudes". Por fim, a dentadura de pau assumiria a linguagem do amor platônico.

Sobre as segunda e terceira sextilhas limitaram-se a dizer que constituem "excelente roteiro".

Com referência à quarta e à quinta estrofes, sentenciaram que o fato de a mulher estar viva e simultaneamente morar na Eternidade, representa um fenômeno de alto valor para renovação da poesia que "não pode estagnar". A análise encontrou uma harmonia perfeita nas expressões: "Casemo no ano de quinze / Na seca de vinte e três" e "Se um dia voltar à terra / Não casa mais com ninguém". Por outro lado, não admite a hipótese da reencarnação, quando este seria o único meio de se justificar que a esposa, desaparecida, poderia retomar ao globo terrestre para habitar um pé-de-serra, trazendo uma radical aversão ao casamento.

Estes saltos no escuro talvez sejam o saldo da decadência do sistema social estabelecido entre os povos latino-americanos, refletindo, ao mesmo tempo, toda a angústia deste fim de século assustado.

Vejam, como exemplo desta inconsciência intelectual, o poema intitulado "Terceira Tentativa de Poema Surrealista", de J.J. Bandeira, inserido no suplemento literário de um jornal de Belo Horizonte:

"Caminho de Madeira.  
Madeira de caminho,  
Sombra de cinza,  
Cinza de Sombra.

Caminho,  
Madeira, Madeira,  
Caminho.

Cinza  
Sombra  
Sombra  
Cinza

Depois ou antes?  
Antes ou depois?  
Agora?  
Sempre?

Ruptura de vozes,  
Vozes caladas,  
Vozes furadas,  
Caiadas vozes;  
Furadas vozes.

Gaúchos, rosa, pedra,  
Bolhas de sabão,  
Sabão de bolhas  
Que a gente compra.  
Por quanto?  
Por quê?  
Pra quê?  
Como?  
Quê?

Quê?  
É sempre?  
É nunca?  
É Jamais?  
É já?  
É sempre?  
Sempre ou nunca?  
É não?  
É?"  
É?

Já o senhor Indalécio Coelho publica heroicamente em destacada página do jornal Artes, de São Paulo, este "Sentimento de um Poeta Surrealista Perdido na Garoa":

“Porém eu parei,

Como o barro parou,  
Como a égua pariu.  
Trem é trem.

Bei o que faz luar gelatinado como o diabo.  
Amantes de pedra,  
Raios que voltam,  
Que voltam,  
Que voltam,  
Indo,  
Indo,  
Inviezadamente quadrados.

Raios que ficam,  
Contratempo,  
Cor incolor,  
Rastos no vento.

Trem é trem  
(História, papo, rato, sargaços,  
Bandolins quebrados, a gota...)  
Os olhos da loura  
(Meu Deus, os olhos da loura!)  
Os cabelos da negra,  
Os braços do mar que fazem  
Do estômago cérebro.

Eu quero a moça loura,  
Já que a negra lascou-se e fugiu  
Levando meus sonhos, meus sentidos,  
Meus cabelos, meus sapatos.

Ciclones que esmago.  
Garoa madura  
Na tarde do fim de qualquer coisa.  
Amo,  
Quero,  
Escuto,  
Vejo,  
Sinto,  
Acaricio,  
Como  
Não a negra,  
Mas a garoa madura,  
Escuto garoa madura,  
Garoa madura, garoa madura, garoa  
Positivamente.  
É melhor dar pra puta e fazer vida no mangue  
Do Rio de Janeiro."

Estou de acordo com o surrealista bandeirante. "É melhor dar pra puta e fazer vida no mangue do Rio de Janeiro" do que enveredar por caminhos de tão melancólica prostituição literária. Ainda bem que ele admite que parou, "como o barro parou, como a égua pariu". Antes assim, senhor Indelécio Coelho,

do que continuar "indo inviezadamente quadrado", porque, convenhamos, andar assim deve ser bastante perigoso.

Poemas deste nível são recitados com insistência pela nova geração de intelectuais brasileiros que se tornam poetas do dia para a noite, sendo "entendidos" pelos entendidos, elogiados pelas cúpulas, prodigamente adjetivados por quantos não têm a devida coragem de dizer que não entendem, que têm medo de deixar transparecer indiferença ou repulsa por semelhantes chulices.

Os senhores J.J. Bandeira e Indalécio Coelho são a imagem viva do atual panorama. Representam uma classe que daria ótima contribuição à literatura nacional, se fosse para o campo cuidar da nossa agricultura tão deficiente, tão problemática, tão carente de braços fortes. Porque — é preciso que se diga —, dar cores novas à poesia não é a mesma coisa que se derramar sobre o papel um monte de palavras sem concatenação, sem sentimento, sem nenhum valor, em nome de uma escola livre que não foi criada para este fim.

O aspecto mais ridículo desta pseudo-literatura não seria a ausência de qualquer mensagem, o deserto total de conteúdo, mas o fato de o autor não saber o que escreveu e esbanjar explicações que ele mesmo não aceita.

O comportamento do poeta Manoel Caixa D'água, considerado como representante do surrealismo em João Pessoa, atesta esse estado nebuloso. "Caminho Perdido" é o poema que o consagrou:

"Se as noites envelhecessem,  
se os meus olhos cegassem,  
se as fantasmas danças  
em blocos de neve  
para que me ensinassem o caminho  
por onde eu caminhei.  
A cidade sem porta, as ruas brancas de  
minha infância  
que não voltam mais.  
Se minha mãe se abruma,  
se o mar geme,  
se os mortos não voltam mais,  
se as matas silenciosas  
não recebem visitas,  
se as folhas caem,  
se os navios param,  
se o vento norte  
apagou a lanterna,  
eu tinha nas minhas mãos somente sonhos.  
Eu tinha nas minhas mãos somente sonhos!"

Entrevistado pelo matutino local "O Norte" o jornalista Evandro Nóbrega perguntou o que viria a ser isso de "se minha mãe se abruma". Respondeu o poeta:

— Ora, rapaz, isso é negócio de mãe mesmo!

Presença sempre requisitada nas rodas intelectuais da capital paraibana, onde é querido e admirado, Caixa D'água diz, invariavelmente, a quem vai sendo apresentado:

— Sou o poeta Manoel José de Lima, o famoso Caixa D'água. Na Paraíba só quem anda de branco somos eu, José Américo de Almeida e Renato Ribeiro, mas Renato é só industrial e eu e José Américo somos grandes intelectuais.

Outra mostra oferece-nos o surrealista Antônio Almeida, de Campina Grande:

"Caboclo, tira uma loa,  
Cê-a-cá-gê-rê-cê-rão.  
Tira, taras e tarão,  
Guage, guage, guage-ganga,  
Cunquinheró coque-canga,  
Unca caixa marumbeta,  
E teró, toró tombeta,  
Bacharel, bacharelama."

O que se observa no cenário das nossas letras é mera confusão. Um céu nublado, uma paisagem sem cores. As vocações mais legítimas, marginalizadas; as mediocridades, sob a proteção ignominiosa das "igrejinhas", brilham como sóis.

Passo a narrar, como reforço deste ponto de vista, o que vi durante uma reunião do Grêmio Literário "Joaquim Nabuco", entidade recifense de vida efêmera, que funcionou pelos idos de 1956:

O poeta futurista José Jorge Brandão foi à tribuna para apresentar sua mais recente produção. O poema, "sui generis", "novíssimo", suscitou o interesse geral dos gremistas. Após a declamação, o autor pediu aos colegas que interpretassem a mensagem, permanecendo no seu ponto para a sustentação de eventuais debates.

Pela ordem, um crítico literário pediu a palavra e fez, rápido, sua apreciação:

— Acho que o nobre poeta pintou, com as cores mais reais, o sofrimento da classe média brasileira na atualidade.

O poeta aceitou integralmente a opinião. Outro gremista sentenciou, logo em seguida:

— Nunca vi nada mais bem escrito do que este poema em que o ilustre colega transporta-nos ao Cais de José Mariano.

José Jorge aceitou a segunda opinião. Uma das mais discutidas poetisas de Recife sintetizou o pensamento do poeta nestas palavras:

— Uma viagem ao desconhecido!

O autor aceitou a terceira opinião. Finalmente, o vigoroso poeta e tribuno alagoano Alcoforado de Pereira, que alisava os bancos da Faculdade de Direito, solicitou um aparte. E, aproveitando-se da inabilidade do presidente da Casa, uma proeminente figura da imprensa pernambucana, conseguiu chegar à tribuna. Com sua conhecida ironia que chega a transcender, aprofundou-se num discurso acadêmico de altas conotações literárias, tão longo quanto brilhante, concluindo que o poema não traduzia "o sofrimento da classe média brasileira na atualidade", não transportava ninguém "ao Cais de José Mariano" nem tampouco significava nenhuma "viagem ao desconhecido". Tratava-se, isto sim, de um "Ciclone em Bemol Sustenido"!

A surpreendente definição, imediatamente aceita pelo senhor José Jorge Brandão, pelos críticos, e, de resto, por todo o Grêmio, valeu ao orador uma duradoura salva de palmas.

O discutido poema, cujo título era "Felicidade Tríplice", ganhava, agora, uma epígrafe condigna. Uma semana depois o suplemento domingueiro do "Correio do Povo" publicava, com destaque, o "Ciclone em Bemol Sustenido", com uma amável dedicatória a Alcoforado de Pereira. Salvo engano, começava assim:

"O vento estrangulou-se  
Com os seus próprios dedos  
E os cavalos de prata  
Tinham patas de brisa,



Enquanto as bestas de ágata  
Eram também feitas de chuva e de nada.  
Um deserto danado..."

Na mesma época, um grupo de adeptos do movimento poético apimentado de Recife — mistura de futurismo, surrealismo e outros ismos" — reunia-se, invariavelmente todas as noites, a partir das vinte três horas. Sentavam-se os quinze intelectuais na sapata de cimento que margeia o Rio Capibaribe e numa justa homenagem à Rua da Aurora recepcionavam o sol. Passavam a madrugada inteira "analisando poemas".

Certo dia resolvemos, Josy Santiago, Alcoforado de Pereira e eu, mostrar que a poesia tão em voga era plenamente infundada. E começamos o trabalho. Redigimos, conjuntamente, uma espécie de "Ciclone em Bemol Sustenido", datilografamos abaixo o nome de Cados Drummond de Andrade, e numa madrugada de sábado chegamos à tertúlia, nas imediações do antigo Bar da Noite, onde estavam os quinze estudiosos mergulhados em altas análises. Josy interrompeu a conversação:

— Resolvemos, nós três, aderir ao futurismo. O motivo da adesão não poderia ser outro, senão este divino poema de Drummond.

Entregou a cópia ao líder do grupo, poeta Frederico Frota, que leu em voz alta. A vibração foi geral:

- Grande!
- Magnífico!
- Estupendo!
- Genial!
- Divino!
- É a obra-prima do autor!...

No dia seguinte as cópias sucederam-se. Os intelectuais memorizaram o "grande" poema que se intitulava "Que Será das Rosas de Vento?":

"Cavalguei o vulcão de Paulo Afonso.  
Engoli os Andes e o Evereste das tardes.  
Sorvi o último grão de areia dos gabinetes...  
Palmilhei veredas de fogo, conquanto verdes,  
E devastei os subterrâneos pensamentos das  
florestas do beijo incolor que foi quase nosso.  
— Quem viu minhas sandálias no Saara?"

Trinta dias depois, voltamos a nos reunir com os pupilos de Carlos Drummond de Andrade para confessar a brincadeira. Ganhamos quinze inimigos.

Vejamos o que nos transmite o momento mais lúcido do surrealista Hugo Bellard:

"As fezes do cavalo na calçada  
E o coração a trepidar nos ares,  
Ovários retalhados e espremidos  
Nas geratrizes, milagrosas ânsias...  
— O pássaro voou? Quebrou-se a voz?  
Renasce a natureza triangular,  
Quero parir idéias multiformes  
Pela ponta dos dedos calejados,  
Tesouros escondidos no intestino  
A borbulhar pela ilharga do orbe,  
Serão nuvens as idéias tão ligeiras  
Ou loucuras bailando neste crânio?"

Afora os "tesouros escondidos no intestino", o que, na hipótese mais otimista, só poderia ser "aquilo", o mais estranhável no poema é aquele coração a trepidar nos ares", porque ninguém sabe se o pobre órgão trepidante é o do cavalo ou o do poeta.

Enquanto o surrealista carioca contempla "fezes de cavalo na calçada", cria uma "natureza triangular" e deseja "parir idéias pela ponta dos dedos", o pernambucano Arnaldo Tobias dá conta de um:

"Navio abortando janeiros,  
Sorriso embora,  
e fevereiro indeciso  
comia os ventos e o roteiro."

Trabalhando a chamada Poesia de Muro, a Equipe de Poetas Amazonenses oferece-nos "O Sapo", poema de que é co-autor o senhor Anthístenis Pinto (Jornal do Commercio, de 19-3-67):

"Em cada pulo  
mais parece um relógio  
dentro de um burro,  
no entanto é um bicho  
que tanto chia como  
engole o chiado..."

Observando o espetáculo, não sei se foi Noaldo Dantas quem me disse:

— Deve ser fortíssimo!  
— O relógio ? — indaguei.  
— Não, o burro.

Acompanhemos agora a "Missa" do senhor Marcos Vinícius de Andrade (Jornal do Commercio, 16-4-67):

"a)

O sino, o silêncio  
O dão e o dim  
repicam missa à messe

moça acorda/corre  
Mulher acorre  
correm véus (vão)  
e vida e lida—luta—luto

e tudo e tanto:  
clerical e claustro  
à custo a missa

b)

pão e vinho—vão e pinho  
Cristo na cruz acre e cru  
cruzado corpo, corpocruz—luz?  
tilintam os tins o tilitar  
fim

c)

missa acaba e volta a messe  
a cruz, os braços cruzados."

Em Santa Luzia do Sabugi, ao som da viola, Zé Limeira "celebrou" coisa parecida:

"Ó mestre, os donos da casa  
Tão pedindo a tu e a mim  
Pra se cantá uma missa  
Com três palavra em latim:  
Quinca, quincó, melengonço,  
Goguenso, quincoloquim."

Surpreende esse desencontro: quando os sacerdotes passaram a celebrar a Missa em Português (e vou agora valer-me da gíria popular), Ora não mais "perder o seu latim", uma vez que os fiéis "ficavam sempre na missa", os poetas começaram a complicar o Santo Sacrifício. Diz o Poeta do Absurdo:

"...Quinca, quincó, melengonço,  
Goguenso, quincoloquim."

O outro parece pegar a "deixa":

"... o dão e o dim...  
Cristo na cruz acre e cru  
cruzado corpo, corpocruz...  
tilintam os tlins..."

Um julgamento imparcial colocaria as duas "missas" no mesmo altar, em razão do seguinte: o "melengonço" de Zé Limeira está para o "dim" do senhor Marcos Vinícius, assim como o "corpocruz" deste está para o "goguenso" daquele. De resto, estes inauditos vocábulos "quincoloquim", do Poeta do Absurdo, e "tlins", do vate pessoense, sugerem que ambas as "missas" não estão muito ,católicas".

Com o poema intitulado "Canção para o Menino Paulo", o senhor Milani Ferrara foi premiado na capital econômica do Brasil (Jornal Artes, São Paulo, edição de 10-01-69):

"Menino Paulo, menino Paulo,  
Não és mais o menino Paulo'  
Simplesmente uma cruz no cinema  
Ou no Cemitério do Braz.

O que foste, menino Paulo,  
Além do fenômeno biológico:  
Vísceras, moléculas, minérios,  
Carbono, montanha, fogo, brasa,  
Ferros, ossos, bondes, carroças, fraldas,  
Grito na madrugada aviatória da cara.

Agora és um anjinho,  
Um anjo  
Ou um anjão.

Menino Paulo, menino Paulo,  
E agora, menino Paulo?

Tás lascado mesmo?"

Idêntica homenagem do mesmo homem de letras (de câmbio) atinge desditosa mulher:

"Marta, bocado de  
Substâncias plásmicas,  
além de brincos, meias,  
sutians, sapatos e outras  
peças que não devo dizer.  
Marta, que nas alvoradas orgíacas  
dos cabarés, não sabe, ela mesma,  
se é ela ou um metrô.  
Marta, vagabunda de  
terceira categoria,  
com duas pontes  
nos olhos e várias  
macacas no coração,  
bondes nos dedos,  
elefantes na alma,  
e parafusos nos joelhos.  
Será que alguém dirá  
melhor sobre ti,  
Marta da noite?"

Apesar de todo esse caos, todo esse embaralhamento que se tem feito em nome da escola surrealista, rebentaria um ou outro lampejo, em meio a milhares de tentativas, o que não ocorrerá, certamente, no limbo da poesia concreta, já por sua natureza desértica e árida. O melhor exemplo temos nestas filigranas que encerram toda uma década de penoso labor:

“ra terra ter  
rat erra ter  
rat rra ter  
rater rra ter  
raterr a ter  
raterra terr  
araterra ter  
raraterra te  
rraraterra t  
erraraterra  
terraraterra."

décio pignatari

"Navegrama para Valentina Terechkova

"E (n) volta  
astro nave  
giras sol  
gira  
só Valentina  
gaivo ta  
es

paço  
azul girasSOL  
Vla ja  
E ter  
ValenTi na  
COração  
mundo

luiz carlos guímarães

"beba coca cola  
babe cola  
beba coca  
babe cola caco  
caco  
cola  
cloaca."

décio pignatari

“com can  
som tem  
com tem tam  
tem são bem  
tom sem  
bem som”

augusto de campos

“branco branco branco branco

vermelho

estanco vermelho

espelho vermelho  
estanco branco”

haroldo de campos

“S O L I D A

S O L I D A ã O

S O

L I D A

SOL

S        A  
  ID  
  O        DA  
  
      LIDA  
  
      D  
  O        D  
  
I A”

wladimir dias pino

“VVVVVVVVVVVV  
VVVVVVVVVVVE  
VVVVVVVVVVVEL  
VVVVVVVVVELO  
VVVVVVVVVELOC  
VVVVVELOCI  
VVVVELOCID  
VVVELOCIDA  
VVELOCIDAD  
VELOCIDADE

ronaldo azevedo

“poema  
poema  
poema  
poema  
poema  
poema  
pó  
e  
mó”

edgar braga



dailor varela

“quarta operação fundamental

e u

d

i

v

i

d

i

d

o

sou quociente de mim  
e só”

joão bosco de almeida

marinha concreta

“lentamente corre o frio

no mar tírio e azul

rio azul

mar azul

ar sul

(frio)”

anchieta femandes

Esta manifestação — a que o paraibano João Mendes da Cunha deu o generoso batismo de “masturbação intelectual” — foi editada pela Prefeitura de Natal, sob o rótulo de "Poesia Concreta Dez Anos". A publicação, de grande tiragem, fez parte do "Plano de Extensão Cultural" do Governo Agnelo Alves. Vale como mostra do processo de inversão de valores que se desenvolve no Brasil. Sim, porque em vez de importar a poesia concreta de São Paulo, o Programa reuniria, em coletânea, os próprios valores do Rio Grande do Norte, poetas do nível de Antônio Mangabeira, Otoniel Menezes e Renato Caldas, entre outros, mesmo como homenagem a um passado ainda aceso por Nízia Floresta, Auta de Souza, Segundo Wanderley, dentre inúmeros outros nomes que pesam na balança da literatura brasileira.

Nem precisava ir muito longe. Bastava convocar Mossoró, onde desponta uma alvorada de poesia na figura adolescente de Janiro Costa Rego, de cuja sensibilidade jorram improvisos desta opulência:

"Modorra, um misto de preguiça e sono...

Sozinho, a espreguiçar-se sobre a areia,

Sonho um perfil longínquo de sereia

Na suave sensação deste abandono!

E penso se de ti sou mesmo o dono

E, enquanto a brisa sobre mim passeia,

Sinto-te a percorrer, veia por veia,

Todo o meu organismo de carbono!



Chora, aos meus pés, o manso mar de Olinda!  
O corpo, lasso, entrega-se à madoma,  
A alma absorve a tua imagem linda...

Desperto! E agora a solidão retoma!  
E eu, absorto, busco em vão, ainda,  
Teu corpo em flor por esta areia morna...

Outra opção que certamente teria atendido ao objetivo do “Plano de Extensão Cultural” da terra de Veríssimo de Meio, dentro desse espírito de importação de extravagâncias poéticas: editar a obra do paraibano Stilon Wanzek, uma poesia da linha limeiriana que tem pelo menos o mérito de divertir:

### Os Três Poderes

“Quatro vacas brincavam no quintal,  
Cinco burros dançavam no terreiro.  
Dez navios no Rio de Janeiro  
Navegavam pensando em Portugal...

Recordando a viagem de Cabral,  
De Lumumba, Kruchove e Mubutu...  
Iracema banhar-se no Ipu  
Não pensava morrer de morte tal.

Lá nas margens do velho Rio Doce,  
Um macaco tarado deu um coice  
E Getúlio atirou no coração.

E Kruchove dizia a Salazar:  
Nós agora podemos processar  
Virgolino Ferreira—Lampião.”

### Jumento Carnavalesco

O jumento ciscava no quintal,  
Procurando pedaços de xerém.  
Ao comer o xerém, não se deu bem,  
Como não se deu bem, sentiu-se mal.

Lá por fora passava um carnaval  
E o jumento correu, dando sopapo.  
O xerém quis inchar dentro do papo,  
E ele disse, bem alto, ao pessoal:

—Comi uma comida e me ofendeu.  
Ensinem-me um remédio para eu  
Ficar bom da doença, que eu tomo.

Ensinaram a saúde das mulheres,

O jumento tomou trinta colheres,  
Vomitou o xerém para o Rei morno!"

### Vida Hodierna

Um velhinho bem velho, um ancião,  
Fez de palha uma cama de aroeira.  
Escorou-se na ponta dum ferrão  
E deitou-se na verde capoeira.

De repente chegou-lhe uma soneira  
E o pobre velhinho adormeceu.  
Acordou-se nos braços de Morfeu.  
Novamente dormiu a noite inteira.

Lá por fora cantava um passarinho  
E na cama gemia. Era o velhinho:  
— Quem eu era? Quem fui? Quem diabo sou?

Quem me dera u'a pitada de rapé!  
— Um mosquito lambia um jacaré  
E um soldado prendia um gigolô!"

A expedência de Giovanni Papini sintetiza, em dimensões mundiais, o Apocaiipse da poesia:

“Renunciei, desde algum tempo, a todas as minhas atividades de direção e participação em indústrias, para comprara coisa mais caraem sentido econômico e morab-do mundo: a liberdade.”

“Mas, quando alguém se entregou, durante tantos anos, ao vício dos negócios, é quase impossível fugir de uma recaída. Deu-me na veneta, no ano passado, criar uma pequena indústria, só para subtrair-me às tentações de voltar a ocupar das grandes e pesadas. Queria que fosse absolutamente nova e que não requeresse demasiado capital..”

Lembrei-me, então, da poesia. Esta espécie de ópio verbal ministrado em pequenas doses de linhas numeradas, não é, decerto, um artigo de primeira necessidade, mas o fato é que muitos homens não conseguem passar sem ela. Ninguém, contudo, pensou em organizar, de um modo racional, a fabricação de versos. Foi sempre abandonada aos caprichos da anarquia pessoal. A razão desse negligência reside, provavelmente, no fato de que uma indústria poética, embora florescente, proporcionaria utilidades bastante modestas, já pela dificuldade (não digo impossibilidade) de adoção de máquinas, já pelo escasso consumo dos produtos.

“Para mim, porém, não se tratava de uma questão de lucros, mas, de curiosidade. O financiamento necessário era mínimo, os gastos de instalação quase nulos. Sabia que era preciso recorrer, para esta nova empresa, a skilied workres, mas tais indivíduos eram numeroslssimos, sobretudo na Europa. Dediquei-me a procurá-los.”

“Consegui contratar cinco, todos jovens, menos um, e discípulos das mais modernas escolas.”

“Instalei a primeira oficina em minha vila da Flórida, com dois criados negros e duas datilógrafas. Fiz montar uma pequena gráfica e esperei os primeiros frutos da minha iniciativa. Os cinco poetas eram alimentados, alojados e servidos; desfrutavam de um pequeno ordenado mensal e tinham

direito a uma determinada porcentagem sobre os lucros eventuais; o contrato durava um ano, mas era renovável por igual período.”

"Transcorridos seis meses, fiz, como estabelecia o contrato, minha primeira visita à oficina da Flórida e convoquei meus poetas, um após outro, para prestar informações. O primeiro a se apresentar na saia da direção foi Hippolite Cocardasse, francês, desertor da escola Dada e pescador, naturalmente, em Montpamasse."

“— O senhor nos encomendou a mim e aos meus colegas-disse -que criássemos um tipo novo, adaptado ao gosto da poesia moderna no mercado internacional...”

Cocardasse me apresentou algumas laudas de grande tamanho, com um sorriso e uma deferência. O título da primeira poesia era "Gesang of a perdido amour."

E li os primeiros versos:

"Beloved carinho, meín Waltschmerz  
Egorge mon âme en estas soiedades  
My tired heart, Raju presvétfej  
Lieber himmel, castillo e los dioses  
Quaris quot durerá this fun desespere?  
Drévno zizni.. Tanctasa deis "

"Minha ignorância lingüística impediu-me de continuar."

"Compreendi que era inútil discutir com tal imbecil" "Despedido Cocardasse foi introduzido Otto Muttermann" de Stuttgart.

—Ao senhor ofereço o resultado de meus trinta anos de penoso noviciado no caminho da perfeição.

E dizendo isto, depositou na mesa um papel Olhei-o. No meio da página, traçada com letra elegante, havia esta palavra:

Entindung

Nada mais. O resto da folha estava em branco. O terceiro poeta, Canos Canamaque; era um uruguaio e procedia da escola ultraísta:'

—Leia, como ensaio, este madrigal.

Não tive outro remédio senão ler:

“Lienzo, sombra, suspiro,  
Amarillas, mistérios, desierto.  
Huella, palabra, doliente, Tiro.  
Faraón, corazon, lábios, huerto.”

Minha capacidade de suportar, já posta a prova pelos outros dois poetas, vacilou ao chegar a este ponto:

"E crê, senhor Canamaque, exclamei, que haverá bastante imbecis no mundo para dar dinheiro em troca desta mixórdia de palavras? Contrateí-o para escrever poesia e não extratos de vocabulários. O senhor acredita poder enganar-me, mas aqui há motivo suficiente para rescindir o contrato. Desde hoje não pertence mais à minha empresa. Suma-se!"

"O quarto poeta que se apresentou diante de mim era um nisso, o Conde Fédia Liubanoff."

—Eis aqui meu livro.

Abri-o e comecei a folheá-lo. Cada página continha, na parte superior, um título. O resto estava em branco.

—Veja, esclareceu Liubanoff, quis reduzir ao mínimo a sugestão do poeta. Cada poema meu se compõe exclusivamente do título...

Minha primeira poesia, por exemplo, se intitula “Sesta do Rouxinol Abandonado...” Todos os elementos da eflorescência poética estão aí. A sesta lhe dá a estação e a hora; o rouxinol evoca toda música, todo o amor. E esse abandono lhe induz a tratar os temas eternos da traição e da dor.

"Não tive sequer forças para enfurecer-me. Reconheci lealmente que a experiência falhara, que a fábrica fora um desastre. Nem ao menos quis ver o quinto poeta. Parti na mesma noite e, no fim do ano, todo pessoal, os poetas inclusive, foi despedido. É a primeira vez, na vida, que me falta tão vergonhosamente o faro de ‘business’: Começo, afinal, a compreender porque o velho Platão queria expulsar os poetas de sua República. Neste negócio tive uma perda líquida de setenta e dois mil dólares."

O senhor Washington Samargo se enquadraria perfeitamente no sistema, representando a poesia concreta de Minas Gerais:

"Aí, aí não, meu amor  
" " " " "  
" " "  
" "  
"  
"  
"  
..."

A propósito de Giovanni Papini, foi a ele que Pablo Picasso confessou, em carta datada de 1952:

"O artista pode exercer seu talento, tentando todas as fórmulas e todos os caprichos de sua fantasia e todos os caminhos do seu charlatanismo intelectual Na arte, o povo não encontra consolação nem exaltação, mas os requintados, os ricos, os ociosos, os destiladores de quinta-essência, nela buscam a novidade, o estranho, o original, o extravagante e o escandaloso. Eu mesmo, desde o cubismo e de muito antes, tenho contentado a todos esses críticos com todas as brincadeiras que me ocorrem e que eles mais admiram quando menos as entendem.

À força de exercer todos esses jogos, esses quebra-cabeças e esses arabescos, tomei-me célebre rapidamente. A celebridade significa, para um pintor, venda de quadros, fortuna, riqueza. Agora, sou, além de célebre, rico. Mas, quando fico só comigo mesmo, não posso considerar-me um artista no grande sentido que esta palavra tem.

Grandes artistas foram Giotto, Ticiano, Rembrandt e Goya. Sou apenas um brincalhão que tem compreendido seu tempo e sacado o possível da imbecilidade, da vaidade e da concupiscência de seus contemporâneos.

Esse "charlatanismo intelectual" acentua-se mais na poesia do que propriamente na pintura e na música, porque o erro está na insistência em se fabricar poesia, como se fabricam peças de cerâmica. A poesia não pode ser fabricada. A poesia acontece no poeta que é um simples receptor. Inutilmente os artesãos sacrificam-se na manipulação de versos, porque estes, forjados sem o concurso da inspiração, jamais passariam de versos sem poesia, sem substância, sem eternidade.

E o que está acontecendo, quase sem exceção, é uma arrasadora poluição mental, porque já se convencionou que exercera poesia livre é a mesma coisa que escrever aberrações, a título de originalidade.

Não sou radicalmente contra nenhuma manifestação de arte, desde que seja elaborada com um mínimo de dignidade.

O poema ‘Balada da Moça Amante’, do paraibano José Cabral Filho — o festejado Zezito Cabra — um espelho da boa poesia moderna que se pode ler.

“A moça tinha no leito  
O corpo de madrugadas  
e auroras interdítadas.  
E sob os olhos fechados,  
premidos, em contrição,  
encenações de pecados  
faziam gestos de chão...  
Os silêncios que passavam  
beijavam luas partidas  
que a moça tinha nas mãos.  
E as confissões encerradas  
nos lábios da moça amante  
tinham raízes plantadas  
no coração dos instantes.

No tempo havia mensagens,  
Na noite desejos vãos,  
nos abismos liquefeitos,  
vazios, sem remissão...  
E a moça jazia insone,  
indiferente a futuros.  
Seus dedos executavam  
a sinfonia dos muros,  
suas mãos jogavam pedras  
em preconceitos escuros...

E as visões pressentidas  
de cavalgadas estranhas  
anunciaram a chegada  
de gritos rasgando entranhas.  
Eram as visões impossíveis,  
há milênios invocadas.  
As patas de mil centauros  
despedaçando as estradas,  
a avalanche dos medos  
nas encostas escarpadas.  
E a moça galgou distâncias  
nas asas da escuridão.  
Suas mãos cavaram fontes,  
furaram a imensidão...  
Das convulsões proclamadas

nas reticências do leito,  
brotaram lírios desfeitos,  
abortos de solidão..."

O poeta Gladstone Vieira Belo, integrante da chamada "Geração-65", movimento que reúne os novíssimos escritores pernambucanos, oferece, com o seu poema 'As Garras', a chave de ouro com que se fecha este capítulo.

A mensagem, no seu hermetismo e na coloração do equilíbrio poético, é uma realidade dentro da escola moderna. Toda a força do poema reside na estrutura simbólica da linguagem, com os seus mútuos operativos:

"Remover a cor lacre do objeto,  
eis o presságio do leopardo, a crina  
do animal feroz na montaria  
das águas em direção ao vale.  
Intrépidas, suas patas trazem  
a flora na superfície do lance.  
São jograis de plumas equilibrados  
no dismantelo dos olhos.  
As pálpebras a dilatam o sangue  
no veio do grande rio, aquele  
que corta o interior da linguagem  
transitória nas aberturas da camisa.  
Insólito, assalta as extensões  
imensas do Parque, ele recobrando  
em si o verbo contido, a clara  
e horizontal feitura das alamedas.  
Garras e músculos na relva  
do fosso, as suas ancas prostradas,  
escarlates, nos umbrais da tarde,  
sangue nas extremidades do sonho."

— FIM —